

PRÁTICAS ESPACIAIS DE MORADORES DA PERIFERIA DO AGLOMERADO URBANO DE PRESIDENTE PRUDENTE – SP

Victor Hugo Quissi Cordeiro da Silva¹
Eliseu Savério Sposito²

Resumo

A estrutura das cidades médias vem passando por mudanças nos últimos anos, marcando uma ruptura da lógica centro-periférica para a lógica da fragmentação socioespacial. Estas transformações ganharam especial relevância em nosso texto, principalmente quando elas alteram as práticas espaciais e as experiências urbanas de cidadãos residentes na cidade de Presidente Prudente/SP e do bairro Parque dos Pinheiros de Álvares Machado/SP, indicando um processo de conurbação. A partir da análise dos percursos acompanhados casa-trabalho-casa e das falas dos colaboradores da pesquisa discutimos as transformações no cotidiano, as diferentes formas de apropriação do espaço urbano, os graus de isolamento no qual estão inseridos e as estratégias para superar os constrangimentos das distâncias causadas pelo atual local de moradia. A desigualdade e a seletividade espacial se fizeram presentes nos relatos trazidos neste texto, no qual defendemos a ideia de que podemos compreender essas novas dinâmicas à luz do processo de fragmentação socioespacial.

Palavras-chave: Fragmentação socioespacial; Segregação socioespacial; Práticas espaciais; Percursos urbanos.

INTRODUÇÃO

Neste texto apresentamos os resultados parciais da pesquisa que vem sendo realizada no âmbito da Geografia, dando foco aos dados obtidos a partir *da metodologia dos percursos acompanhados casa-trabalho-casa e entrevistas com cidadãos residentes em espaços residenciais fechados e do Programa Minha Casa Minha Vida (faixa 1)*. Nossa finalidade é identificar as práticas espaciais de moradores das periferias de uma cidade média paulista elencando, para além das práticas, os processos socioespaciais que caracterizam a urbanização no aglomerado urbano de Presidente Prudente (SP). Neste sentido, concordamos com Corrêa (2007) quando o autor apresenta uma síntese das diferenças e relações entre práticas espaciais e processos socioespaciais. De acordo com ele a principal característica que difere estes dois processos é a duração e/ou intensidade destas dinâmicas, sendo as primeiras mais curtas e menos intensas que as segundas. No entanto, ao analisar as práticas espaciais é possível identificar transformações no que se refere aos processos socioespaciais.

¹ Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Estadual Paulista (UNESP) – Campus de Presidente Prudente, victor.quissi@unesp.br.

² Professor titular aposentado da Universidade Estadual Paulista (UNESP) – Campus de Presidente Prudente, eliseu.sposito@unesp.br.

As motivações para os deslocamentos dos cidadãos estão mediadas por diferentes necessidades e interesses, tais como consumo, lazer, trabalho etc. Portanto, são atividades que compõem o cotidiano das pessoas. É nesta dimensão da vida na cidade que buscamos identificar os processos socioespaciais de segregação e fragmentação socioespaciais. Percebemos o processo de segregação socioespacial a partir do que mostrou Sposito (2013), enquanto uma dinâmica de rompimento de uma parte da cidade em relação ao todo. Este processo pode ser interpretado a partir das práticas espaciais marcadas pela limitação em relação ao acesso e apropriação da cidade. Em nossa investigação argumentamos que este contexto marcado pela segregação caminha atualmente para uma dinâmica qualitativamente distinta, denominada de fragmentação socioespacial.

De acordo com Sposito e Sposito (2020), o processo de fragmentação socioespacial pode relacionar-se com outros tipos de interações espaciais, como segregação e autossegregação socioespaciais. No entanto, como asseguram os autores, não podemos confundir esses conceitos, tomando-os como sinônimos. Apesar das possíveis associações e da não exclusão dos demais processos, cada um deles apresenta suas características e singularidades. Nestes casos, o confronto dos conceitos com a realidade empírica é fundamental para a identificação da maneira pela qual estas dinâmicas entram em relação e se conectam.

Portanto, nossa concepção de fragmentação [...] assenta-se na compreensão de que este processo tem tanto **elementos objetivos quanto subjetivos, tanto materiais como simbólicos**, diferentes dimensões que requerem, além de mensuração, sobretudo sensibilidade e observação no processo de análise, por meio do qual há que se selecionar o essencial para se compreender dado processo (SPOSITO; SPOSITO, 2020, p. 11, *grifos nossos*).

Neste trabalho apresentamos os resultados obtidos com moradores do Programa Minha Casa Minha Vida (faixa 1) e da periferia estendida do aglomerado urbano de Presidente Prudente/SP, sem esquecer que estes resultados estão inseridos nos âmbito de uma pesquisa que abrange outras metodologias (entrevistas com cidadãos) e outras áreas da cidade (espaços residenciais fechados). Para tanto, argumentamos que essas dinâmicas foram alargadas e alcançam outras escalas, para além da intraurbana.

Segundo Dal Pozzo (2015) e Carvalho (2019), podemos afirmar que os vetores do processo de periferização do espaço urbano, atrelados às novas práticas espaciais dos residentes destas áreas, estão contribuindo para a reestruturação urbana. Sobressaem as tendências de seletividade na apropriação dos espaços urbanos, marca da fragmentação

socioespacial. Contribuem para este processo as precárias condições de deslocamento da periferia pobre do aglomerado urbano de Presidente Prudente, demarcando as limitações do acesso à cidade. Em Carvalho (2019) identificamos a discussão em torno do direito à cidade como aspecto central para pensar o impacto do Programa Minha Casa Minha Vida (PMCMV) e da periferia alargada que conforma o aglomerado urbano. Nesse sentido, identificamos uma grande desigualdade na apropriação do espaço urbano, tendendo à negação da convivência entre os diferentes na cidade. Esta afirmação se justifica pela precária condição de integração dos espaços da cidade, por parte dos moradores de espaços segregados. Por outro lado, pela junção de autoisolamento e hipermobilidade dos moradores das áreas de autossegregação socioespacial.

METODOLOGIA

A metodologia utilizada na pesquisa está baseada no acompanhamento do percurso casa-trabalho-casa de moradores das periferias do aglomerado urbano de Presidente Prudente. O trajeto cotidiano dos colaboradores foi registrado por meio do aplicativo Strava e as falas e comentários foram gravadas. Após a realização do percurso elaboramos mapas e organizamos as falas mais representativas da condição socioespacial dos colaboradores. A identidade dos participantes desta pesquisa está preservada e para tanto utilizamos nomes fictícios.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os resultados que apresentamos neste texto foram obtidos a partir da metodologia percursos urbanos acompanhados casa-trabalho-casa, com moradores da periferia pobre do aglomerado urbano de Presidente Prudente. Inicialmente nossa pesquisa se dedicava exclusivamente aos moradores dos conjuntos habitacionais do Programa Minha Casa Minha Vida (faixa 1); no entanto, decidimos incluir moradores de periferias em processo de aglomeração urbana com Presidente Prudente. Portanto, expomos neste trabalho o percurso realizado com um morador do bairro Parque dos Pinheiros, pertencente ao município de Álvares Machado, que se apresenta, atualmente, em descontinuidade ao tecido urbano consolidado da respectiva cidade (MIYAZAKI, 2008). Os percursos urbanos tiveram como objetivo registrar os trajetos dos colaboradores durante um dia de trabalho, ou seja, acompanhamos o caminho de ida e volta. A metodologia percursos urbanos não pressupõe a realização de entrevistas com os participantes; todavia, registramos os comentários ditos durante o trajeto realizado. Dessa forma, destacamos que nem todos os temas puderam ser abordados da mesma maneira com todos os participantes.

A partir dos apontamentos registrados durante a realização dos percursos, constatamos as dificuldades de deslocamento dos moradores da periferia pobre do aglomerado urbano de Presidente Prudente. Ressaltamos que, no caso dos conjuntos do PMCMV (faixa 1), a mudança para o bairro implicou em agravamento das dificuldades cotidianas, dado a escassa presença de comércio e serviços e as dificuldades para o deslocamento. Somam-se a esses elementos a precária condição das linhas de ônibus e a combinação de aumento dos custos e do tempo de deslocamento. Podemos constatar estas afirmações por meio dos excertos retirados dos percursos, com os das colaboradoras Gabriela e Estela.

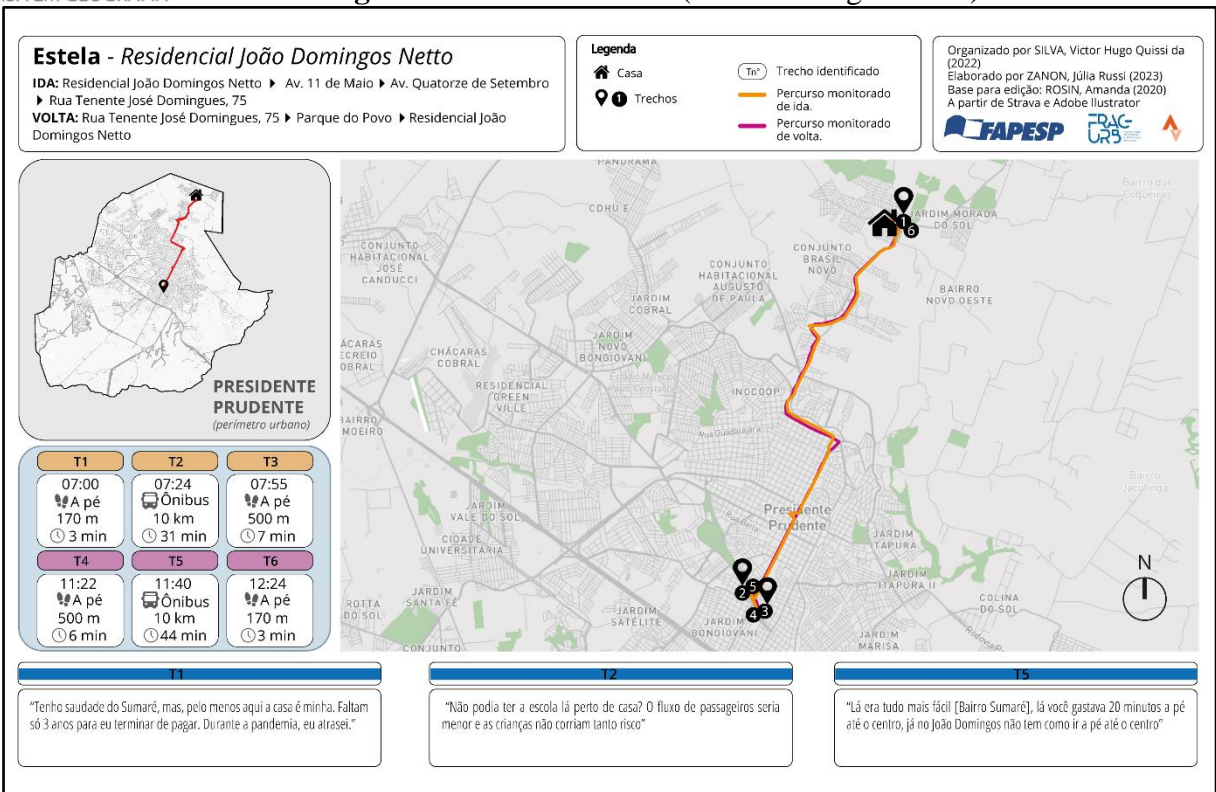
No começo eu sofri muito, eu ia de ônibus eu não sabia dirigir. E andar de ônibus, não é fácil. Hoje melhorou bastante! No começo era bem difícil, era muito precário, os ônibus quebravam no meio do caminho. Vixe, era um horror. No começo era difícil. Não tinha posto de saúde, não tinha mercado, era tudo longe, era difícil. Então assim, depois começou a abrir um mercadinho, inaugurou o posto de saúde, aos poucos foi indo (Gabriela, 47 anos, Cuidadora, João Domingos Netto, Presidente Prudente).

Tenho saudade do [bairro] Sumaré [antigo local de moradia da colaboradora], mas pelo menos aqui a casa é minha. Faltam só 3 anos para eu terminar de pagar. Durante a pandemia, eu atrasei [...] lá era tudo mais fácil, lá você gastava 20 minutos a pé até o centro, já no João Domingos não tem como ir a pé até o centro (Estela, 55 ano, Diarista, João Domingos Netto, Presidente Prudente).

O percurso realizado com a colaboradora Estela (Figura 1), moradora do bairro João Domingos Netto (Programa Minha Casa Minha Vida) em Presidente Prudente, revelou aspectos da mobilidade urbana que não estavam no nosso horizonte de pesquisa inicialmente. A produção da espaço-temporalidade dos indivíduos na cidade passa por condicionantes socioespaciais, como por exemplo: a localização da moradia, a renda familiar e o meio de transporte utilizado. No entanto, nas falas da colaborado Estela fica evidente os desafios enfrentados por mulheres que são mães e trabalhadoras. A dificuldade para encontrar vagas em creches e escolas são fatores que impactam diretamente nos deslocamentos dessas mulheres, limitando o acesso ao mercado de trabalho e as atividades de lazer e consumo. Na ausência e/ou na precariedade dos serviços públicos formam-se redes de solidariedade feminina na periferia da cidade, nas quais mulheres estabelecem ajuda mútua para lidar com estes desafios.



Figura 1 – Percurso Estela (João Domingos Netto)





veículo automotivo individual aparece como a saída para a produção das suas espaço-temporalidades.

A maioria optou por comprar o seu carrinho, mesmo que velho, para facilitar o deslocamento. Tanto que a avenida [Estrada Vicinal Raimundo Maiolini] passou a ser pista dupla (Gabriela, 47 anos, Cuidadora, João Domingos Netto, Presidente Prudente).

O acesso à casa-própria foi bastante destacado pela colaboradora Gabriela como o fator principal para a continuidade da família no bairro João Domingos Netto, mesmo com as dificuldades enfrentadas em função do isolamento. Afirma-se, como destacou Lindon (2005, n.p.), a necessidade de destacar outros conteúdos para compreender o fenômeno do habitar, para além do econômico.

El fuerte *contenido emotivo* deriva de que la casa propia es un mecanismo por el cual los habitantes de esta periferia excluida acceden a la condición de “poseedores”. En este contexto, la posesión es algo emotivo porque es una constatación de que no están fuera de la sociedad y de la ciudad sino “integrados” a ella de una forma: la propiedad, aunque sea en los bordes de la ciudad. La expresión “tener algo propio”, frecuente entre los habitantes de esta periferia, tiene un fuerte contenido emotivo y muestra que se reconoce el código que dicta la sociedad y se lo ha alcanzado en cierta forma. Por ello, es que la propiedad otorga existencia y visibilidad social al habitante de la periferia. El habitante de la periferia se torna más visible no solo en términos de reconocimiento social, sino incluso en términos de reconocimiento político.

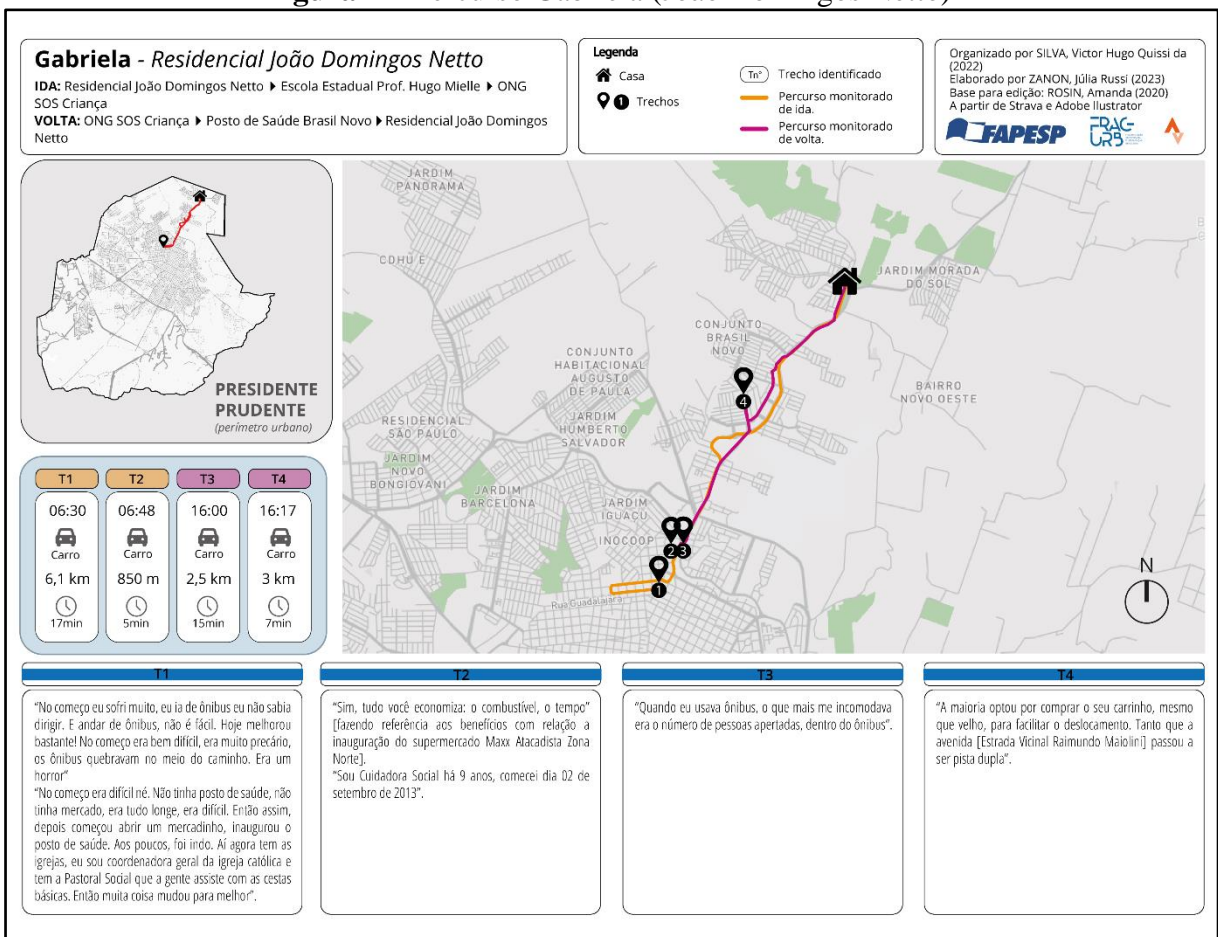
Ademais, a condição socioespacial enfrentada pela família é interpretada através da comparação com outros bairros da cidade de Presidente Prudente, mais distantes em relação ao centro da cidade do que o local de moradia deles. Concordamos com Corrêa (2011) ao afirmar a dimensão simbólica como importante para a compreensão dos processos socioespaciais, portanto, do próprio espaço geográfico. Tomando como ponto de partida a formulação clássica de Santos (1997 [1985]) para a interpretação do espaço geográfico, ou seja, a proposição das categorias forma, função, estrutura e processo, sinteticamente expressar na ideia de processo-forma, são complementadas com a dimensão simbólica.

[...] para que o espaço, este reflexo meio e condição social, se torne plenamente inteligível, **é necessário introduzir os significados construídos e reconstruídos a seu respeito pelos diversos grupos sociais**. Os significados constituem o complemento às categorias acima apontadas [processo e forma], tornando-se uma tríade, processo, forma e significado [...]. Processos e formas estão impregnados de significados, podendo-se falar de formas simbólicas ou símbolos. O homem vive em uma floresta de símbolos por ele criada para dar sentido às diversas esferas da vida (CORRÊA, 2011, p. 14, *grifos nossos*).



A construção simbólica pode ser abordada em nossa discussão quando trabalhamos com a produção de estigmas territoriais, fortemente associados ao processo de segregação socioespacial. Portanto, destacam-se as menções negativas feitas pelos colaboradores residentes no PMCMV (faixa 1) ao bairro Morado do Sol, localizado no distrito de Montalvão no município de Presidente Prudente, mais distante em relação ao centro da cidade e com forte estigma territorial relacionado à criminalidade. Dessa forma, ao reforçar certos preconceitos, minimiza-se a própria condição enfrentada cotidianamente. As contradições da política habitacional são parcialmente acomodadas por alguns colaboradores com a reafirmação desses estigmas, uma dimensão pouco explorada do significado da casa própria e da política habitacional, ou seja, do “conteúdo emotivo” descrito por Lindón (2005).

Figura 2 – Percurso Gabriela (João Domingos Netto)



Organização dos dados: Victor Hugo Quissi Cordeiro da Silva; **Elaboração:** Júlia Russi Zanon.

A adoção do veículo automotivo individual, além de contribuir para superar as distâncias, também está relacionada à gestão dos itinerários dos demais membros da família, como no exemplo do Samuel, morador do bairro Parque dos Pinheiros na cidade de Álvares Machado. Ele mora com a família, composta por esposa, filho e ele, cada qual com horários e trajetos diferentes. Por ser um trabalhador autônomo, os percursos casa-trabalho-casa sempre



estão mudando. Dada esta condição, ele relatou ser indispensável o uso de veículo automotivo particular pois, sem ele, seria praticamente impossível conseguir o nível de flexibilidade necessário para atingir os diferentes pontos da cidade de Presidente Prudente. Apesar de residir em Álvares Machado, todas as atividades da família são realizadas em Presidente Prudente, evidenciando novas escalas do processo de urbanização em cidades médias. Esta afirmação se justifica, por exemplo, nos deslocamentos para o local de trabalho. As três obras que estão sendo feitas por Paulo estão em Presidente Prudente. Neste contexto o carro é o meio de transporte que possibilita esta dinâmica.

Cada vez o senhor trabalha em um lugar diferente?

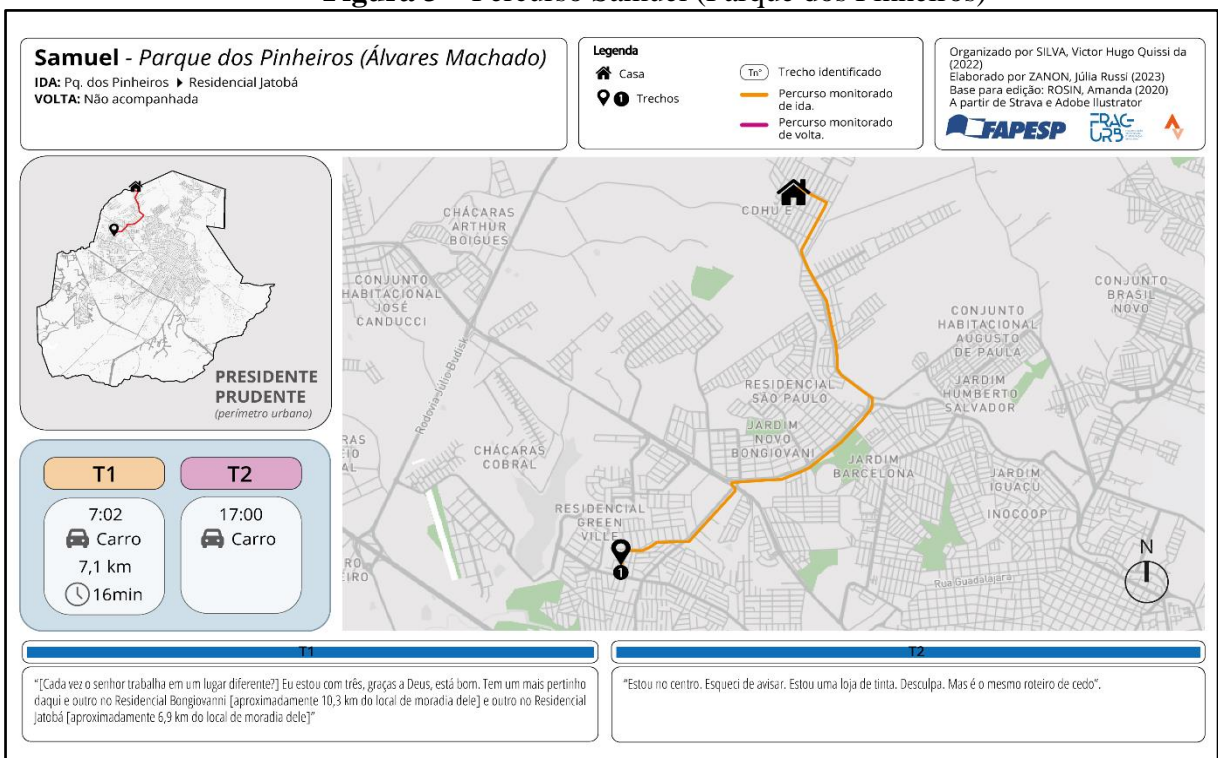
Eu estou com três, graças a Deus, está bom. Tem um mais pertinho daqui e outro no Residencial Bongiovani [aproximadamente 10,3 km do local de moradia dele] e outro no Residencial Jatobá [aproximadamente 6,9 km do local de moradia dele].

O senhor comentou que a sua esposa vai de ônibus.

Vai de ônibus. Ela trabalha lá no lar Santa Filomena [aproximadamente 10,2 km da casa dele] é meio longe. Para ir todo dia levar e buscar gasta muito. Mas a maioria dos dias eu busco. Ou levo também, se estiver chovendo (Samuel, 48 anos, Pintor, Parque dos Pinheiros, Álvares Machado).

No percurso feito com Samuel (Figura 3) não contou com o caminho de volta para casa, ou seja, não foi concluído. Porém, ele nos deu indicações de como realiza seus deslocamentos cotidianamente e, por isso, julgamos que os resultados obtidos foram suficientes para incluí-lo na análise.

Figura 3 – Percurso Samuel (Parque dos Pinheiros)



Destacamos a complexidade dos deslocamentos diários, pois ele não possui uma rotina fixa, nem mesmo em relação aos horários. No entanto sua esposa, apesar de ter um local fixo de trabalho, enfrenta um desafio ainda maior. No seu trajeto até o trabalho, ela precisa pegar ao menos dois ônibus, um até o centro de Presidente Prudente e outro até o bairro mais próximo do trabalho. O Parque dos Pinheiros, pela especificidade de estar localizado em Álvares Machado, impõe aos moradores limitações em relação a mobilidade por meio do transporte coletivo. Os ônibus disponíveis são intermunicipais e se direcionam apenas ao centro de Presidente Prudente, obrigando os usuários deste transporte a recorrer a outro ônibus para chegar até o seu destino final.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo das práticas espaciais no aglomerado urbano de Presidente Prudente pode revelar novos processos socioespaciais em cidades com porte demográfico e posição hierárquica semelhante, indicando um contexto de maior afastamento e segmentação na apropriação do espaço urbano. Identificamos que nos conjuntos habitacionais do PMCMV (faixa 1) e na periferia estendida de Presidente Prudente existem barreiras ao deslocamento dos moradores, condicionadas pela distância, custo e tempo de deslocamento, precárias condições do transporte coletivo etc. A capacidade de definir os trajetos e as áreas frequentadas são limitadas, principalmente nos casos em que o colaborador não possui veículo automotivo próprio. Sendo assim, os resultados alcançados podem ser interpretados a partir dos conceitos de segregação e fragmentação socioespaciais.

REFERÊNCIAS

CORRÊA, R. L. Diferenciação sócio-espacial, escalas e práticas espaciais. *CIDADES*, v. 4, n. 6, p. 62-72, 2007.

_____. Organização do espaço: dimensões, processo, forma e significados. *GEOGRAFIA (Rio Claro)*, v. 36, Número Especial, 2011.

CARVALHO, V. F. O. **Porque aqui é a minha casa!** Velhas práticas e novas possibilidades em conjuntos habitacionais do Programa Minha Casa Minha Vida. 2019. 261 f. Tese (Doutorado) – Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Tecnologias, 2019. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/11449/181561>>.

DAL POZZO, C. F. **Fragmentação socioespacial em cidades médias paulistas.** 2015. 400 f. Tese (Doutorado) – Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Tecnologias, 2015. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/11449/136103>>.

LINDÓN, A. El mito de la casa propia y las formas de habitar. *Scripta Nova. Revista electrónica de geografía y ciencias sociales*, v. IX, n. 194 (20), 2005.



MIYAZAKI, V. K. **Um estudo sobre o processo de aglomeração urbana: Álvares Machado, Presidente Prudente e Regente Feijó.** 2008. xi, 171 f. Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Tecnologia, 2008. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/11449/96699>>.

SANTOS, M. **Espaço e método.** 4 ed. São Paulo: Nobel, 1997 [1985].

SPOSITO, M. E. B.; GÓES, E. M. **Espaços fechados e cidades: insegurança urbana e fragmentação socioespacial.** São Paulo: Ed. UNESP, 2013.

SPOSITO, E. S.; SPOSITO, M. E. B. Fragmentação socioespacial. **Mercator**, Fortaleza, v. 19, jun. 2020.

SPOSITO, M. E. B. E. Segregação socioespacial e centralidade urbana. In: Vasconcelos, P. de A.; Corrêa, R. L.; Pintaudi, S. M. (org.) **A cidade contemporânea: segregação socioespacial** – São Paulo: Contexto, 2013.